



A RECEPÇÃO CRÍTICA DA LITERATURA MARGINAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Luiza Teles Santos¹

Estamos na rua, loco, estamos na favela, no campo, no bar nos viadutos, e somos marginais mas antes somos literatura, e isso vocês podem negar, podem fechar os olhos, virar as costas, mas, como já disse, continuaremos aqui, assim como o muro social invisível que divide este país².

Ferréz

Mas estamos na área, e já somos vários, e estamos lutando pelo espaço para que no futuro os autores do gueto sejam também lembrados e eternizados, mostramos as várias faces da caneta que se manifesta na favela, e pra representar o grito do verdadeiro povo brasileiro [...]³.

Ferréz

RESUMO: *A crítica literária tem passado por diversas transformações na atualidade, no que tange às avaliações literárias. Muito se tem indagado sobre os parâmetros que a crítica utiliza para classificar obras e autores, na historiografia literária brasileira. Isso se torna mais evidente, quando passamos a refletir sobre as narrativas marginais, que vêm circulando nas periferias, nas academias e nos espaços em que se tem como objeto de estudo a literatura e a cultura. Assim, esse trabalho tem como objetivo trazer algumas considerações sobre a atuação da crítica literária frente aos discursos e narrativas que emergem das periferias, com suas especificidades formais e temáticas.*

Palavras-chave: Crítica literária; Literatura Marginal; Ferréz.

INTRODUÇÃO

Busca-se com esse trabalho trazer algumas considerações a respeito da recepção crítica da autodenominada literatura marginal, que tem tido destaque nos circuitos literários na contemporaneidade. Essa pesquisa é um recorte da dissertação do mestrado, que tem como tema o estudo comparado da recepção crítica de Rubem Fonseca e Ferréz, com enfoque na violência. Pretende-se, a partir da análise de teses e dissertações, além de revistas literárias dos cursos de pós-graduação verificar como os críticos vêm se articulando em seus discursos, ao analisar as obras de autores das periferias. A circulação da literatura marginal nas universidades e nos espaços literários tem suscitado alguns questionamentos em torno dos critérios de avaliação da crítica, já que a mesma tem sofrido muitas mudanças com o surgimento de novas teorias. Teorias essas que tem promovido alterações no campo do saber e o descentramento do discurso europeu, masculino, branco.

¹ Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. E-mail: luizats_22@yahoo.com.br - Autora. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rachel Esteves Lima.

² FERRÉZ, "Terrorismo literário", p. 10.

³ FERRÉZ, "Terrorismo literário", p. 11.



CRÍTICA LITERÁRIA E LITERATURA MARGINAL: REFLEXÕES

Ao caracterizar tematicamente a literatura brasileira pós-64, no ensaio “Poder e Alegria: a literatura brasileira pós-64 – reflexões”, Silviano Santiago coloca em evidência, dentre outros argumentos, a questão do poder, que é bem expressiva nas narrativas dessa época. A princípio de maneira tímida, mas depois obsessiva, como afirma Silviano, a literatura desse período “passou a refletir sobre o modo como funciona o *poder* em países cujos governantes optam pelo capitalismo selvagem como norma para o progresso da nação e o bem-estar dos cidadãos”. (SANTIAGO, 2002, p.14) O que ocorreu a partir de 1964 foi uma análise sobre o modo como funciona e a maneira como atua o poder na sociedade e nas relações cotidianas.

Não se trata de lutar apenas contra o poder burguês sob a sua forma de centralização burocrática, legislativa e jurídica; a luta é e deve ser mais ampla, pois o poder toma as mais inusitadas formas no cotidiano do cidadão, subrepticamente gerando – a partir da negação da *diferença* – forças repressoras que visam à uniformidade (racial, sexual, comportamental, intelectual etc.). (SANTIAGO, 2002, p.16)

Iniciou-se nesse período, uma crítica a qualquer forma de autoritarismo que pudesse existir e, com isso, inquirições sobre o lugar e imposições do opressor começaram a surgir. Isso se deu principalmente por causa das rebeliões de jovens do mundo todo, que se multiplicaram nas décadas de 60 e 70 do século passado e nas expressões libertárias que culminaram com as reivindicações das minorias e daqueles que por muito tempo foram esquecidos da História oficial. A luta era contra todas as forças cerceadoras que atuassem tanto no nível macro quanto no nível microestrutural.

O Brasil, que passava por uma ditadura militar, sofria com a censura violenta e totalitária contra qualquer pessoa que mostrasse oposição ao regime imposto. A violência estava nas ruas, com o argumento de que se precisava manter a ordem; e a repressão ao cidadão acontecia em nome da segurança nacional. Uma violência que aparecia de forma quase invisível nas identificações feitas para se entrar em órgãos públicos e nas fichas que eram preenchidas pelos moradores de edifícios, para um posterior controle policial. Nos meios de comunicação em massa, a violência mal podia ser percebida, em especial, na televisão, onde a programação era direcionada “pelo Estado para o controle subliminar da sociedade”. (SANTIAGO, 2002, p.19) A literatura, em contrapartida, procurou mostrar a violência que se camuflava em meio às políticas desenvolvimentistas dos militares, que propunham o enquadramento da economia brasileira aos padrões do capitalismo tecnológico e buscavam a modernização dos espaços urbanos e o progresso do Brasil.

A descoberta assustada e indignada da violência do poder é a principal característica temática da literatura brasileira pós-64. São tematizadas as várias origens do poder, na sociedade ocidental; [...] reflete-se sobre suas formas globais e centralizadas, como também sobre seus esfarelamentos em infinitas partículas moleculares pelo cotidiano. A abrangência do poder repressor e vingativo pode ser total ou localizada, conseguindo eficazmente neutralizar os assaltos que lhe são feitos pela razão crítica e pelas grandes questões do século. (SANTIAGO, 2002, p. 19)

Mais adiante, Silviano ratificará tal idéia afirmando que:



A opção dramática é, de maneira geral, pelos temas que, no particular e no cotidiano, na cor da pele, no corpo e na sua sexualidade, representariam uma alavanca que pudesse balançar a sólida e indestrutível planificação do Estado militarizado e o aprisionamento de uma população pelas fronteiras “naturais” do país. (SANTIAGO, 2002, p.19)

Para Silviano Santiago, essa opção temática não significou um atraso artístico para a produção literária pós-1964. O que existiu foi a compreensão de que a modernização e a industrialização do Brasil estavam sendo feitas em meio a muita repressão e censura, com violência, tortura, mortes e seqüestros.

O que vemos muito na literatura do período são narrativas voltadas para o eu ou para a realidade social brasileira. Houve um *boom* de textos que traziam o sofrimento de ex-exilados, de pessoas que foram torturadas e que lutaram contra a ditadura militar. Uma forte expressão de toda a violência que foi presenciada pelos autores e pela sociedade. Vidas que foram interrompidas, ideais que foram frustrados, lutas sem sucesso e os sonhos de muitos jovens que não foram realizados. É “a verdadeira *síndrome da prisão*” apontada por Flora Süssekind, que vai tomar conta do cenário da literatura brasileira e dos escritores de modo geral, entre as décadas de 1970 e 80.

A literatura nacional percorre duas trilhas nesse período: a primeira é a trilha naturalista, tendo como exemplo os romances-reportagem ou as narrativas fantásticas; o segundo caminho é a “literatura do eu”, nos depoimentos, memórias, na poesia biográfico-geracional. Nesse momento, há um interesse grande do público literário brasileiro pelos textos “da experiência carcerária ou da narrativa dos sofrimentos alheios” (SÜSSEKIND, 2004, p. 74). E esse interesse Süssekind justificará como uma *mea culpa* da classe média que apoiou o golpe militar e depois, frustrada com as conseqüências desse apoio, começou a se punir ficcionalmente com a leitura desses textos. A outra justificativa dada é que essa era uma opção de leitura não oficial da recente História do Brasil, que não estava nos livros didáticos e era constantemente camuflada pelos que ocupavam o poder, já que trazia a tortura, a violência como temas principais. O sucesso da literatura político-memorialista se coloca como uma tentativa de suprir a lacuna do conhecimento histórico do momento ditatorial, através da memória alheia das personagens reais ou fictícias que enfrentaram a militarização.

Nos textos, as cenas de tortura são freqüentes, de violência, de luta – são “as minúcias do horror” nas páginas dos livros. A temática presente na literatura da década de 1970 era principalmente o que Süssekind chama de “literatura-verdade, literatura político-memorialista, literatura depoimento”, uma literatura em que os relatos de pessoas que foram torturadas, presas, que se tornaram fugitivas da polícia por crime político ou que eram guerrilheiras aparecem com freqüência. Com isso, segundo a autora, “a literatura opta por negar-se enquanto ficção e afirmar-se como verdade”(2004) e prioriza as narrativas autobiográficas, assim como os romances-reportagem, promovendo uma imitação das técnicas jornalísticas e procurando, através dos livros, dizer tudo o que a censura proibia que saísse nos jornais. Essas narrativas trouxeram à cena também o submundo das cidades, os sujeitos marginalizados, os mendigos, as prostitutas, os criminosos, os sujeitos excluídos, as favelas, as drogas, etc. É um mundo ficcional em que a trajetória de vida de pessoas comuns, de seres anônimos e anti-heróis mistura-se a um mundo poluído pela corrupção, pela violência e pelo erotismo exacerbado. Um submundo é revelado



nessas narrativas, trazendo à tona a pobreza e as injustiças, geradas por uma distribuição desigual de riquezas. Na perspectiva de Silviano Santiago:

Colocar corretamente a questão do poder (e isso foi o que o melhor da produção literária fez) já é investir contra os muros que se ergueram impedindo que o cidadão raciocinasse e atuasse, constituísse o seu espaço de ação e levantasse a sua voz de afirmações. É orientar, pois, o país para uma necessária democratização, ainda que esta tenha chegado só sob forma institucional. É também investir contra o silêncio a que o já oprimido economicamente ficou reduzido, [...]. É dar voz, portanto, a todos e a qualquer para que possam manifestar desejo e vontade políticos no plano nacional, comunitário e profissional, [...]. (2002, p. 20)

Uma outra questão que se deve ter em mente, é que é nesse momento que surgem as novas subjetividades e identidades de resistência, que, através de políticas próprias, trazem à cena os seus discursos e falam quem são e o que querem tornar-se, tentando ocupar um espaço sempre negado pelos que detêm o poder. No momento em que os marginais assumem o lugar de sujeitos, de autores de um discurso que fala de si, deslocam o lugar de enunciação da sua história. É através da literatura e outros meios que os movimentos das minorias/maiorias procuram colocar em evidência o legado de seus representantes, de suas lutas e conquistas. Isso irá refletir na atualidade de forma mais clara com o aparecimento da literatura marginal, na década de 1990 até a atualidade. Enquanto a ficção que circulava até os anos 1980 era produzida por pessoas de classe média - *os Hobin Woods* de classe média -, que lutavam contra a ditadura, a literatura que passou a circular na década de 1990, começou a ser escrita por sujeitos das periferias. Mesmo que haja uma aproximação temática da literatura de 70/80 com a literatura dos anos 90/2000, a distinção mais significativa é justamente com relação à autoria desses textos. Sujeitos que antes eram marginalizados e não exerciam o direito de falarem de si passam a produzir literatura e a reivindicar um lugar frente aos discursos canônicos. Agora, quem passa a escrever sobre os sujeitos periféricos são os próprios sujeitos das periferias das cidades. E foi devido à emergência dessas novas subjetividades e ao surgimento de novas teorias que romperam com os discursos tradicionais no campo dos estudos literários que muitos questionamentos e reflexões têm sido feitos, em torno dos critérios de avaliação e valoração dos estudiosos da literatura.

Essa atitude pós-moderna vem para indagar sobre as noções de valor, beleza, originalidade, qualidades que são exaltadas pela literatura canônica. Tais conceitos serão repensados, tendo em vista a idéia de que foram criados por grupos que detinham e detêm o poder na sociedade, com o intuito de excluir aqueles que não se enquadram em seus padrões. Compagnon afirma em seu livro *O demônio da teoria* que “todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão” (2003, p.33) e mais adiante fala que “o critério de valor [...] não é, em si mesmo, literário nem teórico, mas ético, social e ideológico, de qualquer forma extraliterário” (2003, p.p.34-35). Corroborando, dessa maneira, com a idéia de que as escolhas canônicas não estão isentas de julgamentos arbitrários e elitizantes, já que estes muitas vezes têm juízos de valor particulares de uma determinada classe, gênero, etc. Além do mais, como o próprio Compagnon ratifica, a “fronteira entre o literário e o não literário” irá variar de acordo com as épocas e as culturas (2003, p.32). Essas considerações nos levam a pensar o quanto discurso e poder estão intrinsecamente ligados. São as “verdades” construídas pelos grupos dominantes, que em muitos momentos da história servirão como uma forma de controle, de opressão, violência e uma maneira de regular as pessoas.



A crítica literária sempre teve um papel significativo na apreciação e valoração de textos literários. É uma relevante instância legitimadora de obras literárias e também construtora de paradigmas a serem seguidos, tanto por públicos especializados, quanto por leitores mais leigos. “O público espera dos profissionais da literatura que lhe digam quais são os bons livros e quais são os maus: que os julguem, separem o joio do trigo, fixem o cânone”. (COMPAGNON, 2003, p. 225) A importância que a crítica tem para a formação de um cânone universal, local ou individual tem gerado muitos questionamentos quanto aos parâmetros tradicionais de análise da crítica. Com a emergência dos chamados discursos das minorias, tais critérios de análise não têm atendido às especificidades das narrativas dos sujeitos, que estão à margem da sociedade. O que se percebe é que a crítica não tem dado conta (pelo menos não como deveria) do que hoje chamamos de literatura marginal, a literatura daqueles considerados subalternos, que estão fora de um discurso masculino, branco, europeu, rico.

Com isso, alguns estudiosos começaram a se indagar sobre os critérios tradicionais de avaliação da crítica literária. A estética da recepção, os estudos pós-estruturalistas, os Estudos Culturais, dentre outros, têm promovido questionamentos em torno do que é ou não é literatura e, com isso, vêm crescendo cada vez mais as reivindicações de grupos minoritários por um espaço que lhes havia sido negado na formação do cânone ocidental e na historiografia literária. Pensar a diferença como potência primeira, como “objeto de afirmação e não derivada ou tributária da negação” (CRAIA, 2005, p. 69) é o que normalmente pessoas que se identificam com estes grupos buscam fazer em pesquisas sobre os estudos de gênero, étnicos, homoafetivos, dentre outros.

A pós-modernidade vem procurando “restaurar as dimensões políticas reprimidas da atividade cultural e estética de todos os tipos” (CONNOR, 2000, p.181). São as dimensões tidas como minorias, sempre excluídas e marginalizadas, que passarão a partir da contemporaneidade a questionar sua condição de marginal ao centro do poder. É nesse momento, que a palavra terá grande importância na construção de discursos de resistência e da memória de vidas esquecidas; sujeitos que são deixados de lado da História oficial, já que a mesma é construída pelas relações de poder firmadas em cada época.

Grupos humanos antes representados apenas pela intelectualidade local, ou não representados, irão falar do seu passado e presente, a partir do seu próprio ponto de vista, inquirindo o discurso daqueles que tinham um olhar estrangeiro ao seu universo. Os sujeitos pós-modernos buscarão uma identidade que foi escamoteada por grupos dominantes. Dessa maneira, a literatura marginal aparece como uma força que pressiona as fronteiras que dividem o mundo entre centro e periferia, entre primeiro e terceiro mundo e questiona essas verdades tão disseminadas, que trazem em si uma política de separação.

Ler essas vozes que foram silenciadas e que na pós-modernidade estão trazendo seus discursos para o meio acadêmico é um desafio para os críticos que se deparam com a amplitude de um fenômeno chamado literatura marginal.

Os “subalternos” irão se apropriar da palavra e irão falar de si, de suas vivências e da realidade cruel do seu dia-a-dia. É dessa maneira que não pedirão licença à cultura oficial ou canônica para produzirem e invadem os espaços públicos para se mostrarem e ecoarem suas vozes e escritas, reclamando “seu direito a um nicho na seleta república letrada ao se



considerarem expressão direta e essencial de um “*povo composto de minorias, mas que em sua maioria um todo*”. [...] Se apropriaram de vez da palavra escrita para dar fisionomia a suas criações literárias e artísticas. (ESLAVA, 2004, p. 36)

Essas recentes manifestações literárias de sujeitos periféricos, que trazem o cotidiano de pessoas da favela e todos aqueles excluídos de uma sociedade com fronteiras bem demarcadas pelos que estão no poder, chamam a atenção pelo lugar de enunciação de tais narrativas. A chamada literatura marginal vem ganhando espaço nas editoras, na mídia e também no meio acadêmico, principalmente pela repercussão que estão tendo os livros de sujeitos marginalizados pelo meio social. Como afirma Eneida Leal Cunha,

A mídia, o empreendimento editorial, os textos da resistência, a emergência de vozes silenciadas, a reivindicação política contundente – tudo isso nos chega através de paradoxais processos de negociação de interesses. O desafio talvez seja aprender a ler os produtos dessas diferenciadas forças (do estético, do político, do mercadológico) sem recalá-las, reprimi-las ou hierarquizá-las. (2002)

As estratégias mercadológicas também têm favorecido muito esta literatura, na medida em que transformam o adjetivo marginal - que a princípio carrega uma carga semântica negativa – em algo positivo, para a venda dos livros. Esta literatura invade as prateleiras das livrarias, das bancas de revistas e ganha visibilidade no mercado editorial; são textos de autores periféricos que buscam legitimação de sua escrita no meio literário e acadêmico brasileiro. Produções que trazem características peculiares e que visivelmente marcam a origem de seus autores. Há uma presença forte de traços da oralidade e de temáticas que traduzem o sofrimento cotidiano dos excluídos da estrutura social. O que se tem percebido é a crescente manifestação de textos de ex-presidiários, favelados, ex-drogados. A vida sofrida dessas pessoas invade os livros, as revistas, os jornais, que mostram de maneira bastante verossímil aqueles que estão invisíveis. No texto “Literatura marginal em revista”, Zibordi irá fazer uma análise das narrativas marginais publicados pela editora Casa Amarela, através da *Caros Amigos* em 2001 e 2002, sendo denominados de *Literatura marginal – A cultura da periferia – Ato I e Ato II*. Irá comentar as estratégias utilizadas pelo mercado para uma maior divulgação e venda das revistas. O próprio formato em revista, o visual colorido, um baixo custo e o local em que foi exposto (uma banca) favorecem uma ampla tiragem, já que o público que tem acesso às bancas de revistas é mais diversificado e de várias camadas sociais. Os autores presentes na revista são de diversas regiões do Brasil e vindos da periferia de São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, etc; além de produzirem em diversos gêneros textuais, tais como: poemas, contos, crônicas, cartas e reportagens. Esse teórico fará uma reflexão desses escritos por “três eixos de análise: as trajetórias de vida, o projeto de pedagogia literária e a memória ressentida da produção”. (ZIBORDI, 2004, p. 71)

O narrador dessa literatura é um sobrevivente, como afirma Zibordi, é “testemunha imiscuída nos fatos, o transmissor do que viu e viveu”. São “narradores marginais [que] contam o que a experiência demonstrou em exaustivas e recorrentes amostras”. (ZIBORDI, 2004, p. 71) E serão trazidos para os textos vidas que são privadas de possibilidades tanto materiais como sentimentais e que muitas vezes serão interrompidas pela falta de recursos financeiros e pela carência de necessidades básicas não atendidas pelo Estado.

Um outro aspecto presente nessas narrativas é o teor pedagógico implícito nos textos. Estes trazem em si um engajamento que visa à transformação da sociedade, uma vez que são



feitos pelo povo e para o povo, no intuito de mostrar e mudar toda uma realidade camuflada. Os narradores procuram dar conselhos para que as pessoas tracem caminhos, para melhorar suas vidas, valorizando-se a sabedoria que vem da experiência. A literatura marginal é também um ato político, mas que não possui filiação partidária. É para ensinar, para mostrar a possibilidade de um futuro mais digno, almejando como consequência a ampliação da capacidade crítica dos leitores. A escrita marginal traz também, a partir da memória, um discurso “ressentido” demarcando lugares dos vencidos e dos vencedores, revelando a carência econômica ou afetiva dos primeiros e julgando os segundos como algozes. Textos que mostram a violência diária que os menos favorecidos financeiramente sofrem, seja na sociedade ou dentro dos lares, a violência física e psicológica, ou simbólica.

Um problema enfrentado ainda pelos autores marginais é o seu não reconhecimento enquanto escritores. Os teóricos tradicionalistas insistem em negar os textos criados pelos que estão à margem de uma estrutura social. A recepção crítica tem-se incomodado com as pretensões, bastantes ambiciosas, desses autores: “As reações contra essa pretensão vêm se traduzindo em diversas declarações de alerta [...]” (ESLAVA, 2004, p. 36), numa tentativa de intimidar essas produções, buscando explicitar o que realmente poderia ser fundamental em tais textos. Várias são as justificativas: alguns acreditam que a lógica um tanto cruel da indústria editorial pode estar motivando os sujeitos da periferia a escreverem, na medida em que busca a expansão de seus mercados, incentivando a produção de obras que serão facilmente consumidas por leitores acríticos. Outros falam do pouco domínio lingüístico e de um deficitário conhecimento da tradição estética literária, porém o que realmente tem sido difícil para muitos críticos é fazer uma classificação dessas obras. Segundo Eslava,

[...] o que resulta mais notório é o caráter problemático que a *literatura marginal* apresenta na medida em que se movimenta num território no qual vão se misturar, sem maiores distinções formais, a vontade documental, a força do testemunho e a ficcionalização das próprias experiências de vividas pelos autores marginais, gerando, por consequência, dúvidas e interrogantes sobre os parâmetros críticos pertinentes para abordar o fenômeno nas suas verdadeiras dimensões, sem resquícios de matriz universalista ou canônica. (2004, p.p. 36-37)

Para Zibordi (2004, p. 70), com relação às estimativas de valor, a produção literária das revistas especiais, de alguma maneira, força a consagração de novos critérios avaliativos da crítica. Ela “reclama uma reavaliação dos critérios e perspectivas com os quais nós mesmos, críticos acadêmicos, tendemos a ler o lugar da literatura e de nossas práticas profissionais na sociedade”. (RODRIGUEZ, 2003, apud ZIBORDI, 2004, p. 70)

Apesar de haver resistências aos textos marginais, eles encontram-se no mercado em grande quantidade e cada vez mais novos autores surgem, fazendo com que seja necessário olhar com cuidado para estas obras, analisando-as não mais a partir de parâmetros canônicos, mas sim reconhecendo o valor pela diferença que se impõe. Não há como a crítica negar um fenômeno como a literatura marginal.

Um dos representantes deste movimento é o autor Ferréz, que vem divulgando e promovendo a literatura marginal e novos autores vindos das periferias do país. Foi o organizador das edições especiais da revista *Caros Amigos*, é autor de seis livros, alguns já traduzidos para outras línguas e vem ganhando cada vez mais projeção nacional, participando de



eventos literários e fazendo palestras. Sua obra *Capão Pecado* já foi tema de dissertações e teses, bem como a literatura marginal, assim como de diversos artigos e ensaios publicados em revistas literárias dos cursos de pós-graduação do Brasil.

Analisando especialmente o livro *Capão Pecado*, primeiro romance do escritor paulistano Ferréz, e estendendo o parâmetro da coletividade discursiva às edições especiais de literatura, [Benito Martinez] Rodriguez pensa em novos modos de enfrentar criticamente a articulação da produção marginal que impõe diferenças de forma, conteúdo, e movimentação cultural. (RODRIGUEZ, 2003, apud ZIBORDI, 2004, p. 70)

Uma das questões que se percebe, analisando textos de relevantes críticos brasileiros é que, apesar de se ter a consciência de que para pensar a literatura marginal é necessário se utilizar de outros “critérios valorativos”, que não os tradicionais, isso não tem acontecido. Os estudos pós-estruturalistas, em geral, não têm sido utilizados pelos críticos para discutir essas produções, estudos esses que desconstróem a noção de verdade e trazem para o centro das discussões o Outro – as minorias. A crítica não tem se utilizado das novas teorias para pensar a literatura dos marginalizados, nem aqueles que defendem a teoria da desconstrução, teoria esta que seria mais apropriada para lidar com a narrativa dos chamados subalternos. A idéia de fonte e influência ainda é percebida, em uma análise da fortuna crítica dos autores marginais. São feitos estudos imanentes dos textos, desconsiderando-se os aspectos extraliterários significativos para pensar as narrativas vindas das camadas periféricas. A classificação das obras de Ferréz como mero testemunho, como textos neonaturalistas, sempre em dívida com os grandes escritores brasileiros, devido principalmente a linguagem coloquial, com gírias, palavrões e traços de oralidade, além da violência recorrente, servem como uma maneira de depreciar seus textos. Muitas pesquisas sobre a autodenominada literatura marginal também têm sido feitas por profissionais de outras áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, a história, que acabam por legitimar as obras não pelo caráter literário, o que aconteceria se fosse objeto de pesquisas de renomados críticos e acadêmicos das Letras, mas pela importância sociológica ou antropológica que apresentam.

Democratizar os espaços da cultura, da literatura, da política é o desafio de todos aqueles que se propõem a uma revisão/reflexão de conceitos e tradições, tão enraizados em nossa sociedade, e que por muito tempo excluíram, estigmatizaram, calaram, hierarquizaram as diversas vozes e identidades das culturas não-eurocêntricas, periféricas e pobres, em nome da ciência objetiva e imparcial. A crítica literária, da mesma forma, deve refletir, fazer uma auto-análise para que seus julgamentos não venham a se tornar autoritários, anti-democráticos e totalmente preconceituosos, tendo-se em mente que: “Todo estudo literário depende de um sistema de preferências, consciente ou não”. (COMPAGNON, 2003, p. 226)

REFERÊNCIAS

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. Trad. Cleonice P. Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CONNOR, Steven. Pós-modernismo e política cultural. In: _____. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2000, p.p. 181-198.



CRAIA, Eladio C. P. Deleuze e a ontologia: o ser e a diferença. In: ORLANDI, Luis B. L. **A diferença**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, p.p. 55-90.

CUNHA, Eneida Leal. Margens e valor cultural. In: MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia Helena (org.). **Valores: arte, mercado, política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Abralic, 2002.

ESLAVA, Fernando Villarraga. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. **Revista estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, pp. 35-51.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

_____. Terrorismo literário. In: _____. (Org.) **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p.p. 9-14.

SANTIAGO, Silviano. Poder e alegria: A literatura brasileira pós-64 - Reflexões. In: _____. **Nas malhas da letra: ensaios**. Rio de Janeiro, 2002, p.p. 13-27.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **Ver e imaginar o outro**. São Paulo: Horizonte, 2008.

SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos**. 2 ed. Revista. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ZIBORDI, Marcos. Literatura marginal em revista. **Revista estudos de literatura brasileira contemporânea**. Nº 24, Brasília, jul/dez de 2004, p.p. 69-88.